

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

GIULIA MACHADO DE CASTILHOS

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: CLÍNICA MÉDICA E
CIRÚRGICA DE ANIMAIS SILVESTRES E PETS NÃO CONVENCIONAIS**

**CAXIAS DO SUL
2026**

GIULIA MACHADO DE CASTILHOS

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: CLÍNICA MÉDICA E
CIRÚRGICA DE ANIMAIS SILVESTRES E PETS NÃO CONVENCIONAIS**

Relatório de estágio curricular obrigatório na área de clínica médica e cirúrgica de animais silvestres e pets não convencionais, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Medicina Veterinária pela Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Prof^ª. MSc. Mariana Polesso Mazzuchini

Supervisora: Prof^ª. M. V. Priscila Medina da Costa

**CAXIAS DO SUL
2026**

GIULIA MACHADO DE CASTILHOS

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: CLÍNICA MÉDICA E
CIRÚRGICA DE ANIMAIS SILVESTRES E PETS NÃO CONVENCIONAIS**

Relatório de estágio curricular obrigatório na área de clínica médica e cirúrgica de animais silvestres e pets não convencionais, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Medicina Veterinária pela Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Mariana Polesso Mazzuchini

Supervisora: Prof^ª. M. V. Priscila Medina da Costa

Aprovada em: __/__/2026

Banca Examinadora

Orientadora Prof^ª. Ma. Mariana Polesso Mazzuchini – Orientadora
Universidade de Caxias do Sul

Prof^ª. Dra. Fernanda de Souza – Avaliador 1
Universidade de Caxias do Sul

M. V. Esp. Charles Savi Mundo Dal Zotto – Avaliador 2
Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

De todas as formas que eu poderia começar meus agradecimentos, gostaria que fosse dizendo obrigada aos meus avós, José e Verônica, vocês tornaram possível a escrita deste trabalho, a conclusão do curso de Medicina Veterinária e a realização do meu sonho. Mesmo com tantas dificuldades, não soltamos a mão um do outro e fomos família na sua forma mais sincera. Obrigada por tudo.

Aos meus sogros, Manoel e Janete, gostaria de agradecer por toda boa energia, incentivos, carinho e apoio. Vocês foram essenciais com toda luz que vocês trazem e são.

Às minhas amigas Sofia Scopel, Franciele Hammes, Alessandra Haas, Sabrina Reche, Caroline Castro e Bruna Berro por terem me acolhido durante a graduação, me fazendo sentir parte, estando juntas desde aquele primeiro momento até agora. Obrigada por tudo, meninas.

À minha amiga Julia Ramos, queria agradecer pela nossa amizade, pelo teu apoio e carinho. Obrigada por tudo.

À melhor equipe que o UCS Zoo já teve e os melhores companheiros de estágio que eu poderia pedir: Sabrina Massoco, Isadora Anghinoni, Sofia Simas e Deivid Borkert; vocês foram incríveis nessa trajetória comigo.

À minha supervisora do estágio M.V. Priscila Medina da Costa que tornou essa experiência de muito aprendizado e leveza, trazendo ao Zoo o seu trabalho impecável.

À minha orientadora M.V. Ma. Mariana Polesso Mazzuchini, por todo o apoio, ajuda e paciência comigo durante esse processo.

Ao meu companheiro, melhor amigo e namorado, Renan, agradeço com todo meu coração pela parceria em todos os momentos da minha vida. Sem você as coisas seriam muito mais difíceis e sem graça. Obrigada por tudo.

E por fim, mas com uma importância sem tamanho, dedico meu trabalho aos meus animais, que são minha família, que me trouxeram um propósito de vida e me deram amor incondicional. Sem vocês, eu definitivamente não estaria aqui e não seria quem eu sou. Obrigada Sky, Zoe, Chico, Thomas, Kadu, Samba, Dark e Kali.

Às minhas estrelinhas, Leo, Panda, Moana, Temaki, Sushi e Veio, esse trabalho também é para vocês.

RESUMO

O estágio curricular obrigatório foi realizado no Jardim Zoológico e Instituto Hospitalar Veterinário da Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, entre o período de 24 de fevereiro à 18 de maio de 2026, totalizando 400 horas. Com o objetivo de ampliar o conhecimento e as habilidades técnicas, com foco na clínica médica e cirúrgica de animais silvestres e pets não convencionais, o estágio foi supervisionado pela M.V. Priscila Medina da Costa e orientado pela M.V. Ma. Mariana Polesso Mazzuchini. O presente trabalho descreve o local de estágio, bem como a casuística e as atividades acompanhadas e realizadas. A rotina compreendia a realização de exames clínicos, procedimentos ambulatoriais e cirúrgicos, exames laboratoriais e de imagem, além da reabilitação e tratamento dos animais resgatados por órgãos ambientais, indivíduos pertencentes ao plantel do UCS Zoo e pets não convencionais que vinham para atendimento. As atividades com maior casuística foram a aplicação de medicação intramuscular, limpeza de feridas e colocação/troca de curativos. Além disso, o trabalho teve como objetivo realizar um estudo descritivo sobre a caracterização de aves apreendidas na região da Serra Gaúcha e recebidas pelo UCS Zoo no contexto do tráfico de fauna silvestre, bem como destacar a importância de zoológicos para a conservação ambiental.

Palavras-chave: zoológico; tráfico de fauna; aves; preservação; conscientização.

ABSTRACT

The mandatory curricular internship was carried out at the Zoo and Veterinary Teaching Hospital of the University of Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, from February 24 to May 18, 2026, totaling 400 hours. Aiming to expand knowledge and technical skills, with a focus on the medical and surgical care of wild and non-traditional companion animals, the internship was supervised by Veterinarian Priscila Medina da Costa and advised by Veterinarian M.Sc. Mariana Polesso Mazzuchini. The present study describes the internship site, as well as the caseload and the activities observed and performed. The routine included clinical examinations, outpatient and surgical procedures, laboratory and imaging tests, in addition to the rehabilitation and treatment of animals rescued by environmental agencies, individuals belonging to the UCS Zoo collection, and non-conventional pets brought in for care. The activities with the highest caseload were intramuscular medication administration, wound management and placement/replacement of bandages and splints. Furthermore, the study aimed to conduct a descriptive analysis regarding the characterization of birds confiscated in the Serra Gaúcha region and received by UCS Zoo in the context of wildlife trafficking, as well as to highlight the importance of zoos for environmental conservation.

Keywords: zoo; wildlife trafficking; birds; preservation; awareness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fachada e entrada principal do UCS Zoo.....	11
Figura 2 - Recintos externos do UCS Zoo.....	12
Figura 3 - (A e B) Ambulatório do UCS Zoo. (C) Setor Extra. (D) Sala de necropsia.....	13
Figura 4 - Fachada Instituto Hospitalar Veterinário da Universidade de Caxias do Sul.....	14
Figura 5 - Centro de Atendimento Emergencial no IHVET.....	14
Figura 6 - Exame de Radiografia em Jabuti-tinga (<i>Chelonoidis denticulata</i>).....	19
Figura 7 - Confeção de materiais para enriquecimento ambiental de diversos recintos do UCS Zoo.....	20
Figura 8 - (A) Medicação intramuscular em Jabuti-piranga (<i>Chelonoidis carbonaria</i>). (B) Exame clínico em filhote de Coleirinho (<i>Sporophila caerulescens</i>) com amputação bilateral dos ossos carpais.....	23
Figura 9 - (A) e (B) <i>Sicalis flaveola</i> . (C) e (H) <i>Sporophila caerulescens</i> . (D) <i>Sicalis flaveola brasiliensis</i> . (E), (F) e (G) <i>Sporophila caerulescens</i> filhotes. (I) e (J) <i>Serinus canaria domestica</i> . (K) <i>Saltator similis</i>	33
Figura 10 - (A) <i>Sicalis flaveola brasiliensis</i> com presença de lipoma em região cervical. (B) <i>Saltator similis</i> com lesão caudal à gnatoteca. (C) <i>Myiopsitta monachus</i> com lesões traumáticas na região ventral da asa. (D) <i>Sporophila caerulescens</i> filhote com escore de condição corporal 1.....	36
Figura 11 - Exemplos de gaiolas em condições precárias e com acúmulo excessivo de sujidades em que as aves apreendidas eram mantidas.....	37

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Destinação dos animais recebidos de vida livre.....	28
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Espécies e quantidades de répteis pertencentes ao plantel do UCS Zoo durante o período de estágio curricular.....	15
Tabela 2 - Espécies e quantidades de mamíferos pertencentes ao plantel do UCS Zoo durante o período de estágio curricular.....	16
Tabela 3 - Espécies e quantidades de aves pertencentes ao plantel do UCS Zoo durante o período de estágio curricular	17
Tabela 4 - Procedimentos e atividades desenvolvidas e/ou acompanhadas durante o período de estágio curricular no UCS Zoo e IHVET UCS.....	21
Tabela 5 - Espécies de animais encaminhados por órgãos ambientais para o UCS Zoo e IHVET UCS, suas afecções e causas do atendimento clínico.....	24
Tabela 6 - Espécies acompanhadas durante consultas de pets não convencionais e causas do atendimento clínico.....	24
Tabela 7 - Espécies recebidas de apreensão, ordem e número total de animais.....	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Dra.	Doutora
Ma.	Mestra
Esp.	Especializado(a)
M.V.	Médica Veterinária
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UCS Zoo	Jardim Zoológico da Universidade de Caxias do Sul
CAE	Centro de Atendimento Emergencial
CSG	Concessionária da Serra Gaúcha
IHVET	Instituto Hospitalar Veterinário
UTA	Unidade de Tratamento Animal
SCUD	Doença Ulcerativa Cutânea Septicêmica
ECC	Escore de Condição Corporal
SID	<i>semel in die</i> = uma vez ao dia
BID	<i>bis in die</i> = duas vezes ao dia
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
CETAS	Centros de Triagem de Animais Silvestres
ONGs	Organizações Não Governamentais
CITES	Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO.....	11
3	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	19
3.1	CASUÍSTICA ACOMPANHADA.....	21
3.1.1	Procedimentos e atividades desenvolvidas e/ou acompanhadas.....	21
3.1.2	Consultas de pets não convencionais.....	23
3.1.3	Animais de vida livre.....	24
3.1.4	Animais do plantel.....	29
4	ESTUDO DESCRITIVO.....	30
4.1	CARACTERIZAÇÃO DE AVES APREENDIDAS E RECEBIDAS PELO UCS ZOO NO CONTEXTO DO TRÁFICO DE FAUNA SILVESTRE.....	30
4.1.1	Introdução.....	30
4.1.2	Caracterização e triagem de aves apreendidas e recebidas pelo UCS Zoo.....	32
4.1.3	Perfil de aves apreendidas.....	37
4.1.3.1	<i>Espécies mais ameaçadas pelo tráfico.....</i>	<i>37</i>
4.1.3.2	<i>Afecções clínicas.....</i>	<i>39</i>
4.1.4	Destinação.....	41
4.1.5	A importância dos zoológicos como mantenedores de fauna.....	42
4.1.6	Conservação de aves: importância ecológica e ambiental	42
4.1.7	Combate ao tráfico.....	44
4.1.8	Conclusão.....	46
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
	REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

Os zoológicos desempenham um papel fundamental na conservação da biodiversidade, especialmente em um cenário de crescente perda de habitats e diminuição de populações silvestres. Além de atuarem como programas de conservação *ex situ* (criação de animais em cativeiro), muitas instituições participam de projetos de reprodução, pesquisa científica e educação ambiental, contribuindo para a manutenção genética e o conhecimento sobre diversas espécies (Mellor *et al.*, 2015). McGowan *et al.* (2017), destaca que com a diversidade genética disponível em zoológicos, os animais auxiliam na preservação da própria espécie, de modo que, no futuro, quando ameaças presentes em seu habitat natural forem reduzidas, eles poderão ser reintroduzidos.

Outro aspecto relevante é o acolhimento de animais resgatados ou apreendidos do tráfico ilegal, que frequentemente não possuem condições de retornar à natureza devido à lesões, domesticação ou ausência de habilidades de sobrevivência. Nesses casos, os zoológicos e centros de triagem oferecem assistência veterinária, manejo adequado e um ambiente que garante o bem-estar desses indivíduos, ao mesmo tempo em que promovem a conscientização do público sobre os impactos do tráfico de fauna e a importância da conservação das espécies (AZAB, 2025; Rodrigues *et al.*, 2023).

Os programas de conservação direcionados ao público dos zoológicos são de extrema importância, pois o impacto gerado pela educação ambiental será responsável pelo aumento do interesse, conhecimento e cuidado sobre a fauna silvestre (Marino, 2008). Uma das estratégias mais utilizadas pelas instituições para atrair a atenção do público e promover a conscientização, consiste na abordagem da temática do bem-estar animal (Saad *et al.*, 2011).

O enriquecimento ambiental constitui um dos princípios do manejo voltado à promoção da qualidade de vida dos cativos, ao fornecer estímulos ambientais essenciais para a manutenção do bem-estar físico e psicológico (Broom, 1991). Nesse contexto, é fundamental assegurar condições adequadas aos animais sob cuidados humanos, uma vez que a efetividade das ações educativas depende diretamente da apresentação de indivíduos física e mentalmente saudáveis (Saad *et al.*, 2011).

O Zoológico da Universidade de Caxias do Sul proporciona uma experiência enriquecedora a profissionais, acadêmicos e estagiários no que se refere ao manejo e à clínica de animais silvestres, prestando assistência a espécies vulneráveis que necessitam de acolhimento e cuidados veterinários. O Instituto Hospitalar Veterinário, integra o Complexo de Saúde Animal da UCS e, por meio de sua infraestrutura e de uma equipe multiprofissional,

disponibiliza recursos diagnósticos e terapêuticos que asseguram aos pacientes um atendimento de alta qualidade.

Além disso, os programas de conscientização e educação ambiental desenvolvidos pela instituição contribuem para a formação de futuros profissionais interessados em se especializar na área da medicina de conservação, bem como estimulam e incentivam a comunidade a preservar a biodiversidade local. Pesquisas relacionadas ao comportamento e bem-estar animal são realizadas pelos acadêmicos, visando garantir melhor qualidade de vida às espécies.

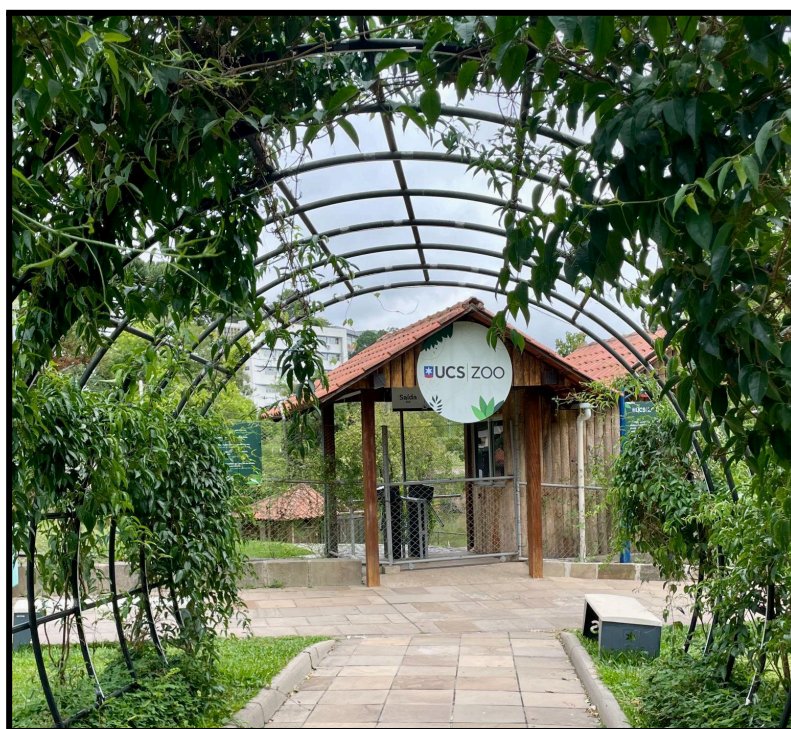
O estágio curricular obrigatório foi realizado no UCS Zoo, durante o período de 24 de fevereiro a 18 de maio, totalizando 400 horas, sendo supervisionado pela M.V. Priscila Medina da Costa e orientação da professora M.V. Ma. Mariana Polesso Mazzuchini.

Este trabalho teve como objetivo descrever o local de estágio, as atividades desenvolvidas e casuísticas acompanhadas durante esse período, além de relatar a caracterização de aves apreendidas na região da Serra Gaúcha e encaminhadas para atendimento no Zoológico da Universidade de Caxias do Sul.

2 DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO

O Zoológico da Universidade de Caxias do Sul (UCS Zoo) (Figura 1), foi inaugurado em 1997 com o objetivo de acolher, recuperar e reabilitar animais silvestres e exóticos recolhidos em vulnerabilidade e encaminhados por órgãos ambientais. Além de funcionar como espaço de educação ambiental e contribuir com a formação acadêmica e à pesquisa científica da Universidade, fornecendo um ambiente de aprendizado prático para estudantes e profissionais da área de ciências biológicas e veterinárias, é referência estadual na conservação da fauna local, possuindo uma equipe multidisciplinar e estruturas reformadas e otimizadas.

Figura 1 – Fachada e entrada principal do UCS Zoo.



Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

Alguns anos após a inauguração do UCS Zoo, o Serpentário foi instalado, com intuito de abrigar diferentes tipos de répteis, principalmente serpentes. O espaço dispunha de recintos climatizados e individualizados, projetados de acordo com as exigências térmicas, ecológicas e comportamentais de cada espécie, incluindo controle de temperatura e umidade, enriquecimento ambiental e áreas específicas para abrigo, termorregulação e locomoção.

O plantel era composto por 51 espécies, totalizando 121 animais, distribuídos em 28 recintos planejados e construídos de acordo com as necessidades de cada espécie (Figura 2).

O espaço permitia que o público tivesse contato com espécies exóticas e nativas da região da Serra Gaúcha por meio de visitas guiadas. Durante as monitorias, eram apresentadas informações sobre a relevância ecológica de cada espécie, promovendo a sensibilização da sociedade quanto à importância da fauna nativa e dos ecossistemas locais, especialmente considerando que muitas dessas espécies encontram-se ameaçadas de extinção. Ademais, as visitas traziam informações como características e hábitos das espécies, status de conservação e a história de cada animal junto ao UCS Zoo. O projeto de extensão Pró-Fauna Serra ampliava as ações de conscientização, fortalecendo o conhecimento sobre a biodiversidade local e capacitando a comunidade em práticas sustentáveis de manejo e reabilitação animal.

Figura 2 – Recintos externos do UCS Zoo.



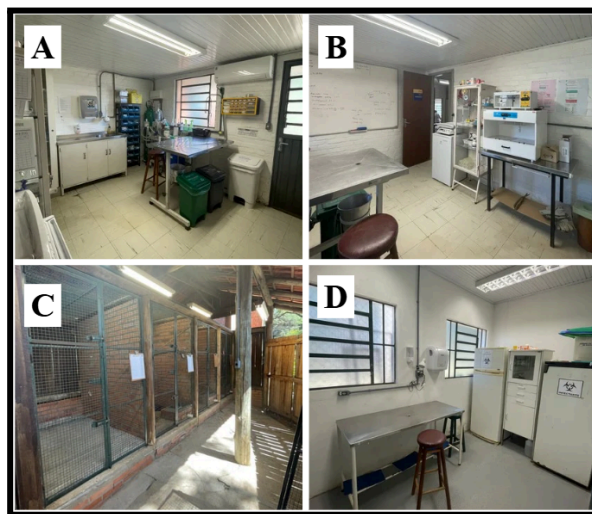
Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

O espaço interno do UCS Zoo dispunha de um ambulatório (Figura 3A e 3B) destinado exclusivamente para avaliações de rotina e procedimentos clínicos dos animais do plantel e àqueles em processo de reabilitação. O local era equipado para a realização de triagem, administração de medicamentos e execução de procedimentos ambulatoriais, dispondo de sistema de anestesia inalatória, cilindros de oxigênio e materiais necessários para contenção, coleta de amostras e suporte clínico aos pacientes (termômetro, estetoscópio, oftalmoscópio, focinheiras, abre-bicos, balança, nebulizador, glicosímetro, unidades de tratamento animal, incubadora entre outros).

O setor extra (Figura 3C) contava com recintos destinados à eventuais alojamentos de animais do plantel, mas principalmente para abrigo de animais selvagens em reabilitação. Outros setores, como cozinha para o preparo da alimentação dos animais, sala para os

responsáveis técnicos, sala de armazenamento de rações, insumos e alimentos e uma sala de necrópsia (Figura 3D) também faziam parte do estabelecimento. A sala de necropsia era equipada com um refrigerador para armazenamento dos cadáveres, uma mesa de procedimento com uma luz de foco e instrumentais. O procedimento era realizado nos animais que eventualmente vinham à óbito. Os funcionários também tinham acesso à copa, vestiário, banheiros e sala de reuniões/estudos.

Figura 3 – (A e B) Ambulatório. (C) Setor Extra. (D) Sala de necropsia do UCS Zoo.



Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

O Instituto Hospitalar Veterinário (Figura 4), integrava o Complexo de Saúde Animal da UCS, um dos mais conceituados do Rio Grande do Sul. Localizado no Bloco 46, em frente ao Zoológico, o IHVET agregava ao trabalho realizado potencializando diagnósticos e tratamentos. Através de convênios com a Prefeitura de Caxias do Sul, a Concessionária da Serra Gaúcha (CSG) e parcerias com a Secretaria do Meio Ambiente Estadual, a atuação integrada do Hospital Veterinário e o Zoológico da UCS, proporcionavam serviços clínicos, cirúrgicos e diagnósticos para as diversas espécies atendidas. O Centro de Atendimento Emergencial (CAE) (Figura 5A e 5B) funcionava como área de atendimento aos animais silvestres resgatados, além de atuar como ambiente de internação, contando com recintos de diversos tamanhos, gaiolas e uma unidade de tratamento animal (UTA). A sala também dispunha de materiais para procedimentos clínicos, emergenciais e contenção.

Figura 4 – Fachada do Instituto Hospitalar Veterinário da Universidade de Caxias do Sul.



Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

Figura 5 – Centro de Atendimento Emergencial no IHVET.



Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

O Instituto Hospitalar Veterinário da UCS, viabilizava o diagnóstico preciso dos pacientes através de exames de imagem, como ultrassonografia, radiografia e tomografia computadorizada, além disso, possuía um laboratório próprio de análises clínicas dentro do instituto. As consultas particulares de pets não convencionais ocorriam dentro do IHVET no consultório de especialidades.

A equipe técnica do UCS ZOO era composta por profissionais de diferentes áreas, incluindo dois responsáveis técnicos (uma médica veterinária e um biólogo) e uma médica veterinária aprimorada na área de Clínica Médica e Cirúrgica de Animais Silvestres. A equipe também contava com cinco auxiliares de laboratório, que atuavam principalmente como tratadores, sendo responsáveis pela alimentação dos animais e pela manutenção dos recintos. Além disso, integravam o quadro dois alunos bolsistas, quatro alunos monitores do zoológico e estagiários voluntários, que participavam das atividades de manejo, observação, educação ambiental e apoio clínico sob supervisão, bem como uma auxiliar de limpeza.

O funcionamento interno do Zoológico, relacionado ao manejo e à assistência dos animais do plantel e daqueles internados no IHVET, incluindo atividades de alimentação, limpeza e tratamento, ocorria diariamente, das 8h às 18h. As visitas do público eram restritas a horários previamente agendados através do site do UCS Zoo.

Em relação a quantidade de animais de cada classe mantidos no plantel, os répteis somavam o maior número de indivíduos (n=51), sendo classificados em 12 espécies diferentes. O tigre-d'água-de-orelha-vermelha (*Trachemys scripta elegans*) era a espécie com maior volume de exemplares (49%), conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 – Espécies e quantidades de répteis pertencentes ao plantel do UCS Zoo durante o período de estágio curricular. (continua)

Nome comum	Nome científico	Total (N)	%
Tigre-d'água-de-orelha-vermelha	<i>Trachemys scripta elegans</i>	25	49%
Cobra-do-milho	<i>Pantherophis guttatus</i>	6	11,7%
Jabuti-piranga	<i>Chelonoidis carbonaria</i>	6	11,7%
Tartaruga-tigre	<i>Trachemys dorbigni</i>	3	5,8%
Cascavel	<i>Crotalus durissus terrificus</i>	2	3,9%
Jabuti-tinga	<i>Chelonoidis denticulata</i>	2	3,9%
Jibóia-amazônica	<i>Boa constrictor constrictor</i>	1	1,9%
Dragão-barbudo	<i>Pogona vitticeps</i>	1	1,9%
Urutu-cruzeira	<i>Bothrops alternatus</i>	1	1,9%
Cotiara	<i>Bothrops cotiara</i>	1	1,9%
Jararaca-da-mata	<i>Bothrops jararaca</i>	1	1,9%

(conclusão)

Nome comum	Nome científico	Total (N)	%
Jibóia-arco-íris	<i>Epicrates assisi assisi</i>	1	1,9%
Cágado-de-barriga-vermelha	<i>Pseudemys nelsoni</i>	1	1,9%
Total		51	100%

Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

Os mamíferos representavam a classe com maior variedade de espécies, somando um total de 21 espécies e 37 indivíduos conforme apresentado na Tabela 2. Entre eles, o bugio-ruivo (*Alouatta guariba*) representava a maioria dos exemplares (n=6), correspondendo a 16,6%.

Tabela 2 – Espécies e quantidades de mamíferos pertencentes ao plantel do UCS Zoo durante o período de estágio curricular. (continua)

Nome comum	Nome científico	Total (N)	%
Bugio-ruivo	<i>Alouatta guariba</i>	6	16,2%
Cutia-amarela	<i>Dasyprocta azarae</i>	4	10,8%
Quati	<i>Nasua nasua</i>	3	8,1%
Sagui-de-tufo-preto	<i>Callithrix penicillata</i>	2	5,4%
Sagui-de-tufo-branco	<i>Callithrix jacchus</i>	2	5,4%
Graxaim-do-campo	<i>Lycalopex gymnocercus</i>	2	5,4%
Capivara	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	2	5,4%
Macaco-prego	<i>Sapajus nigritus</i>	2	5,4%
Furão-pequeno	<i>Galictis cuja</i>	2	5,4%
Graxaim-do-mato	<i>Cerdocyon thous</i>	1	2,7%
Mão-pelada	<i>Procyon cancrivorus</i>	1	2,7%
Gambá-de-orelhas-brancas	<i>Didelphis albiventris</i>	1	2,7%
Gato-do-mato-grande	<i>Leopardus geoffroyi</i>	1	2,7%
Gato-maracajá	<i>Leopardus wiedii</i>	1	2,7%
Puma	<i>Puma concolor</i>	1	2,7%

(conclusão)			
Nome comum	Nome científico	Total (N)	%
Veado-catingueiro	<i>Mazama gouazoubira</i>	1	2,7%
Veado-virá	<i>Subulo gouazoubira</i>	1	2,7%
Paca	<i>Cuniculus paca</i>	1	2,7%
Veado-mão-curta	<i>Mazama nana</i>	1	2,7%
Jaguatirica	<i>Leopardus pardalis</i>	1	2,7%
Ouriço-cacheiro	<i>Coendou spinosus</i>	1	2,7%
Total		37	100%

Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

A Tabela 3 apresenta as 35 aves mantidas no plantel, classificadas em 15 espécies diferentes. A Ordem dos Psitaciformes, que inclui os papagaios, araras, jandaia e tiriba, contabiliza o maior número de indivíduos, sendo o papagaio-charão (*Amazona pretrei*) e o papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*) as espécies com mais exemplares (n=6 cada), correspondendo a 17,64%.

Tabela 3 – Espécies e quantidades de aves pertencentes ao plantel do UCS Zoo durante o período de estágio curricular. (continua)

Nome comum	Nome científico	Total (N)	%
Papagaio-charão	<i>Amazona pretrei</i>	6	17,14%
Papagaio-verdadeiro	<i>Amazona aestiva</i>	6	17,14%
Arara-canindé	<i>Ara ararauna</i>	4	11,4%
Gavião-carcará	<i>Caracara plancus</i>	3	8,5%
Tucano-de-bico-verde	<i>Ramphastos dicolorus</i>	3	8,5%
Arara-vermelha-grande	<i>Ara chloropterus</i>	2	5,7%
Papagaio-do-mangue	<i>Amazona amazonica</i>	2	5,7%
Gavião-carrapateiro	<i>Milvago chimachima</i>	2	5,7%
Gralha-azul	<i>Cyanocorax caeruleus</i>	1	2,8%
Cardeal-amarelo	<i>Gubernatrix cristata</i>	1	2,8%

(conclusão)

Nome comum	Nome científico	Total (N)	%
Gavião-chimango	<i>Milvago chimango</i>	1	2,8%
Gavião-de-cauda-curta	<i>Buteo brachyurus</i>	1	2,8%
Jandaia-híbrida	<i>Aratinga sp.</i>	1	2,8%
Papagaio-de-peito-roxo	<i>Amazona vinacea</i>	1	2,8%
Tiriba-de-testa-vermelha	<i>Pyrrhura frontalis</i>	1	2,8%
Total		35	100%

Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

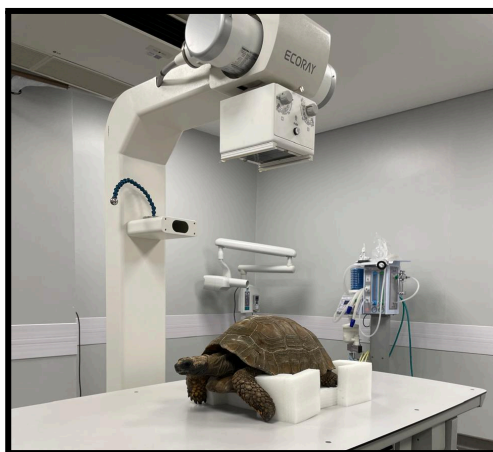
3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O estágio curricular era realizado de terça à sexta-feira, das 8:30 às 17:30, com uma hora de intervalo, e finais de semana pela manhã, intercalados. Durante o período da manhã, a estagiária curricular, juntamente com os estagiários bolsistas e voluntários, realizava os cuidados e manejo dos animais do plantel que estavam em tratamento, sempre acompanhados de uma médica veterinária responsável. Após finalizado, a equipe se deslocava ao IHVET/CAE para realizar a limpeza dos recintos dos animais internados, bem como o fornecimento da alimentação e o tratamento médico necessário.

No período da tarde, após o fornecimento da alimentação dos animais, os estagiários realizavam o monitoramento do plantel. Essa atividade era fundamental para identificar qualquer alteração significativa no comportamento dos animais, além de verificar se haviam se alimentado, como estavam seus dejetos e se havia alguma lesão ou alteração anatômica aparente.

Caso fosse identificada alguma alteração, realizavam-se a contenção e a avaliação clínica do animal, a fim de melhor entender o caso. Além da aferição dos parâmetros fisiológicos, a coleta de materiais biológicos, como sangue, fezes e pelos ou penas, era essencial para o entendimento do quadro clínico a partir de exames diagnósticos. A radiografia foi um dos métodos mais acompanhados por ser um exame que permite a visualização de diversas estruturas anatômicas, auxiliando na avaliação clínica pelo médico veterinário, que, na maioria dos casos, não dispõe de histórico prévio de animais provenientes de vida livre (Figura 6).

Figura 6 – Exame de radiografia em Jabuti-tinga (*Chelonoidis denticulata*).



Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

Além do monitoramento diário como forma de identificar e tratar qualquer alteração apresentada pelos cativos, a médica veterinária responsável iniciou ações preventivas, visando reduzir a incidência de enfermidades e óbitos nos animais do plantel. A medicina preventiva em zoológicos, tem como objetivo evitar a introdução e disseminação de enfermidades, permitindo a detecção precoce de alterações e favorecendo intervenções rápidas e eficazes em casos de doenças infecto-contagiosas, metabólicas, nutricionais e alterações comportamentais causadas por estresse (Kleiman *et al.*, 2010).

O trabalho preventivo no UCS Zoo era realizado através de coletas periódicas de fezes para análise coproparasitológica, controle de endo e ectoparasitas, quarentena para novos indivíduos, acompanhamento sanitário do plantel e necropsia de animais que vinham à óbito. Ademais, práticas como manejo nutricional adequado, enriquecimento ambiental e higiene rigorosa dos recintos eram realizadas, contribuindo para a redução do estresse dos animais e da suscetibilidade de doenças.

Juntamente com os alunos da disciplina de Medicina de Animais Silvestres e Exóticos e com os participantes do Grupo de Estudos de Animais Selvagens, a equipe do zoológico elaborava materiais e ideias para o enriquecimento ambiental dos animais cativos para serem realizados semanalmente (Figura 7). O enriquecimento ambiental é uma ferramenta essencial na promoção do bem-estar de animais mantidos em zoológicos, pois busca aproximar as condições do cativeiro àquelas encontradas no ambiente natural, estimulando comportamentos típicos da espécie. Por meio da introdução de estímulos físicos, sensoriais, alimentares e cognitivos, essa prática contribui para a redução do estresse, da ociosidade e de comportamentos estereotipados, além de favorecer a saúde física e mental dos indivíduos (Kleiman *et al.*, 2010).

Figura 7 – Confecção de materiais para enriquecimento ambiental de diversos recintos do UCS Zoo.



Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

3.1 CASUÍSTICAS

3.1.1 Procedimentos e atividades desenvolvidas e/ou acompanhadas

Durante o período de estágio, as atividades realizadas no UCS Zoo e IHVET UCS foram registradas, conforme a Tabela 4. Os procedimentos com maior casuística foram as administrações de medicações por via intramuscular (14,8%) (Figura 8A), limpeza de ferida (12,4%) e colocação e troca de curativos/talas (8,8%). Essas atividades foram realizadas com certa frequência, em decorrência do tratamento de onze cágados com diagnóstico de blefarite e *SCUD* (*Septicemic Cutaneous Ulcerative Disease*) ou Doença Ulcerativa Cutânea Septicêmica. O *SCUD* é uma enfermidade que acomete principalmente testudines aquáticos, sendo caracterizado por um processo infeccioso e ulcerativo da pele e do casco, estando associado à septicemia (Lescano *et al.*, 2013), portanto o manejo contínuo de feridas e curativos era essencial para o tratamento, bem como a administração intramuscular de antibiótico, anti-inflamatório e analgésico.

Tabela 4 – Procedimentos e atividades desenvolvidas e/ou acompanhadas durante o período de estágio curricular no UCS Zoo e IHVET UCS. (continua)

Procedimento	Mamíferos	Aves	Répteis	Total (N)	%
Administração de medicação intramuscular	26	19	56	101	14,8%
Limpeza de ferida	33	10	42	85	12,4%
Colocação e troca de curativos/talas	15	3	42	60	8,8%
Administração de medicação via tópica	12	0	41	53	7,7%
Exame clínico	17	22	13	52	7,6%
Administração de medicação oftálmica	10	2	35	47	6,9%
Gavagem	24	4	8	36	5,2%
Relocação	14	1	19	34	4,9%
Enriquecimento ambiental	11	11	0	22	3,2%
Monitoração para soltura	16	4	1	21	3%
Radiografia	9	5	4	18	2,6%
Administração de medicação subcutânea	18	0	0	18	2,6%

(continua)

Procedimento	Mamíferos	Aves	Répteis	Total (N)	%
Coleta de sangue	8	4	4	16	2,3%
Condicionamento	13	0	0	13	1,9%
Administração de antiparasitário	5	2	5	12	1,7%
Sedação	6	0	3	9	1,3%
Coleta de fezes	5	2	1	8	1,1%
Planejamento nutricional	4	4	0	8	1,1%
Consulta de pets não convencionais	7	1	0	8	1,1%
Oxigenioterapia	4	3	0	7	1%
Venóclise	2	2	2	6	0,8%
Coleta de anexos cutâneos (penas/pêlos/escamas)	5	1	0	6	0,8%
Administração de medicação via oral	5	0	0	5	0,7%
Coleta de material biológico com swab	4	0	0	4	0,5%
Fluidoterapia	1	2	1	4	0,5%
Eutanásia	3	1	1	4	0,5%
Ultrassonografia	3	0	0	3	0,4%
Microchipagem	1	0	2	3	0,4%
Necropsia	2	0	1	3	0,4%
Citologia aspirativa por agulha fina	3	0	0	3	0,4%
Nebulização	2	0	0	2	0,2%
Reanimação cardiopulmonar	2	0	0	2	0,2%
Sutura de ferimento	1	0	0	1	0,1%
Esofagostomia	0	0	1	1	0,1%
Nodulectomia	0	0	1	1	0,1%
Flebotomia	0	0	1	1	0,1%
Toracocentese	1	0	0	1	0,1%
Soltura	1	0	0	1	0,1%

(conclusão)

Procedimento	Mamíferos	Aves	Répteis	Total (N)	%
Drenagem de abscesso	1	0	0	1	0,1%
Administração de medicação via intratecal	1	0	0	1	0,1%
Total				681	100%

Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

A maior parte das atividades realizadas foi em répteis (42,5%), porém em mamíferos o número foi semelhante (41,9%), trazendo uma ampla oportunidade de aprendizado com os dois grupos de animais. A maior casuística de procedimentos em aves foi o exame clínico (Figura 8B), o que permitiu ampliar o conhecimento sobre anatomia e fisiologia desse grupo de animais.

Figura 8 – (A) Medicação intramuscular em Jabuti-piranga (*Chelonoidis carbonaria*). (B) Exame clínico em filhote de Coleirinho (*Sporophila caerulea*) com amputação bilateral dos ossos carpais.



Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

3.1.2 Consultas de pets não convencionais

Durante o período do estágio, foi possível acompanhar consultas realizadas pela aprimorada da área de Clínica Médica e Cirúrgica de Animais Silvestres e Pets Não

Conevencionais. O coelho (*Oryctolagus cuniculus*) foi a espécie mais atendida, conforme a Tabela 5 e os motivos das consultas variaram entre si.

Tabela 5 – Espécies acompanhadas durante consultas de pets não convencionais e causas do atendimento clínico.

Nome comum	Nome científico	Motivo da consulta
Coelho	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Consulta pediátrica
Coelho	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Alteração comportamental
Coelho	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Dermatopatia/ectoparasitose
Twister	<i>Rattus norvegicus</i>	Avaliação pré-castração
Pavão	<i>Pavo cristatus</i>	Caquexia
Coelho	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Dermatopatia/ectoparasitose
Twister	<i>Rattus norvegicus</i>	Pneumopatia
Hamster-anão-russo	<i>Phodopus sungorus</i>	Nódulo em região abdominal
Total	8	

Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

3.1.3 Animais de vida livre

Os animais de vida livre recebidos e atendidos eram encaminhados para instituição por órgãos ambientais parceiros que realizavam resgates e apreensões. A Tabela 6 mostra as diferentes espécies, além da afecção e da causa do atendimento clínico.

Tabela 6 – Espécies de animais encaminhados por órgãos ambientais para o UCS Zoo e IHVET UCS, suas afecções e causas do atendimento clínico. (continua)

Nome comum	Nome científico	Afecção	Causa
Ouriço-cacheiro	<i>Coendou spinosus</i>	Musculoesquelética	Ação antrópica
Gambá-de-orelha-branca	<i>Didelphis albiventris</i>	Musculoesquelética	Ferimentos por projétil de arma de pressão e fraturas
Rolinha-picui	<i>Columbina picui</i>	Neurológica	Traumatismo Cranioencefálico

(continua)

Nome comum	Nome científico	Afecção	Causa
Coelho	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Neurológica	Ataque de animal
Veado-virá	<i>Subulo gouazoubira</i>	Neurológica	Traumatismo Cranioencefálico
Gambá-de-orelha-branca	<i>Didelphis albiventris</i>	Respiratória	Pneumonia
Bugio-ruivo	<i>Alouatta guariba</i>	Renal	Injúria Renal Aguda
Gambá-de-orelha-branca	<i>Didelphis albiventris</i>	Musculoesquelética	Paralisia de membros pélvicos
Veado-mão-curta	<i>Mazama nana</i>	Musculoesquelética	Paralisia de membros pélvicos
Cutia	<i>Dasyprocta azarae</i>	Odontológica	Fratura dentária
Jabuti-piranga	<i>Chelonoidis carbonaria</i>	Musculoesquelética	Abscesso em membro pélvico
Urubu-de-cabeça-preta	<i>Coragyps atratus</i>	Musculoesquelética	Claudicação
Gambá-de-orelha-branca	<i>Didelphis albiventris</i>	Tegumentar	Lesão de pele superficial
Ouriço-cacheiro	<i>Coendou spinosus</i>	Musculoesquelética	Lesão lacerativa em membro pélvico
Bugio-ruivo	<i>Alouatta guariba</i>	Infecto-contagiosa	Candidíase oral associada a infecção bacteriana secundária
Veado-catingueiro	<i>Mazama gouazoubira</i>	Musculoesquelética	Fratura em membros pélvicos
Pomba-doméstica	<i>Columba livia</i>	Musculoesquelética	Fratura em membro pélvico
Mão-pelada	<i>Procyon cancrivorus</i>	Neurológica	Traumatismo Cranioencefálico
Gambá-de-orelha-branca	<i>Didelphis albiventris</i>	Generalizada	Ação antrópica

(continua)

Nome comum	Nome científico	Afecção	Causa
Cuiú-cuiú	<i>Pionopsitta pileata</i>	Musculoesquelética	Fratura em asa
Coruja-do-mato	<i>Strix aluco</i>	Neurológica	Traumatismo Cranioencefálico
Quero-quero	<i>Vanellus chilensis</i>	Musculoesquelética	Fratura em membro pélvico
Pavó	<i>Pyroderus scutatus</i>	Musculoesquelética	Caquexia
Caturrita	<i>Myiopsitta monachus</i>	Tegumentar	Hipotricose
Trinca-ferro	<i>Saltator similis</i>	Tegumentar	Lesão de pele superficial
Coleirinho	<i>Sporophila caeruleascens</i>	Musculoesquelética	Caquexia
Coleirinho	<i>Sporophila caeruleascens</i>	Musculoesquelética	Amputação bilateral dos ossos carpais
Total	28		

Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

Além dos animais observados na tabela, foram recebidos oito filhotes órfãos de gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*) que não apresentavam alterações clínicas. Essa casuística é comumente observada em centros de atendimento de fauna silvestre no Brasil, especialmente em decorrência de ações antrópicas, como desmatamento, atropelamentos, tráfico de animais e conflitos com atividades humanas e animais domésticos. O recebimento de gambás era recorrente, visto que se trata de uma espécie sinantrópica, o que favorece encontros acidentais com humanos (Oliveira *et al.*, 2007) e, conseqüentemente, o encaminhamento desses indivíduos à instituição.

Outras espécies foram recebidas sem apresentarem alterações clínicas, sendo resgatadas pelos órgãos ambientais por estarem em ambiente urbano ou por serem filhotes/neonatos. Após a triagem, os animais eram mantidos para cuidados ou liberados para soltura conforme a necessidade. Entre esses animais estava um neonato de passeriforme que não foi classificado de acordo com a espécie devido a sua precocidade; um filhote de

gato-maracajá (*Leopardus wiedii*); um juvenil de graxaim-do-mato (*Cerdocyon thous*) e um pica-pau-branco (*Melanerpes candidus*).

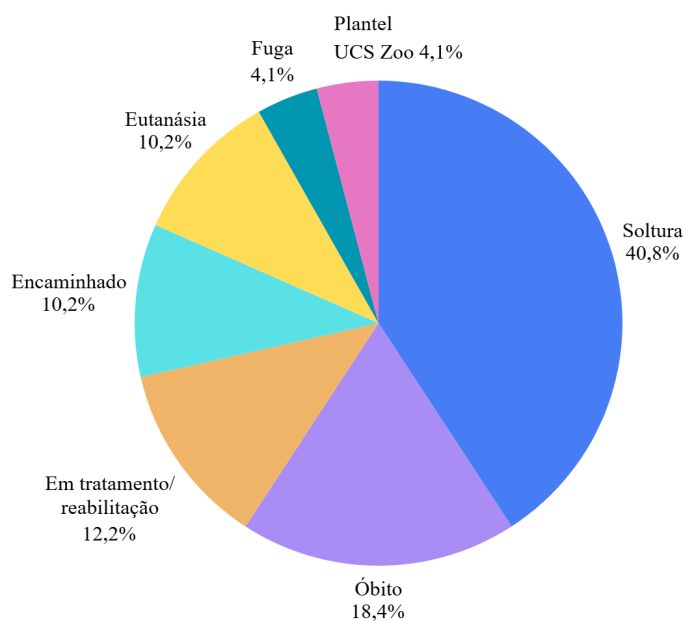
Dezesseis aves vítimas de tráfico foram encaminhadas à instituição. Essa prática é impulsionada pela alta demanda de pets não convencionais, que resulta na captura de pássaros ainda filhotes, contribuindo para a alta mortalidade e declínio populacional de diversas espécies. Os passeriformes e psitacídeos estão entre os mais afetados (RENCTAS, 2025).

Apenas quatro aves apreendidas demonstraram sinais clínicos, contudo foram recebidos para atendimento dois canários-da-terra-verdadeiro (*Sicalis flaveola*), dois canários-domésticos (*Serinus canaria domestica*) e três coleirinhos (*Sporophila caerulescens*) sem alterações significativas.

Após a triagem e, se necessário tratamento, os animais de vida livre eram destinados. A maioria dos indivíduos é encaminhado à soltura, conforme o Gráfico 1, porém podem ser destinados a outro mantenedouro de fauna que possua estrutura e esteja disposto a receber a espécie. Além disso, devido à condição em que o animal é recebido, muitas vezes em estados irreversíveis e sem possibilidade de viabilizar qualidade de vida, optava-se pela eutanásia. Indivíduos muito debilitados devido a traumas graves, com ferimentos extensos e em estado crítico, não resistiam ao processo de tratamento e recuperação e vinham à óbito.

Alguns animais recebidos para atendimento durante o período de estágio, permaneceram em tratamento ou reabilitação, sem uma destinação concluída. As duas espécies de jabutis atendidas, Jabuti-tinga (*Chelonoidis denticulata*) e Jabuti-piranga (*Chelonoidis carbonaria*), receberam o tratamento apropriado à suas condições e após sua recuperação, foram encaminhados ao plantel do UCS Zoo.

Gráfico 1 – Destinação dos animais recebidos de vida livre.



Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

3.1.4 Animais do plantel

O manejo e tratamento dos animais do plantel era diário. A rotina baseava-se na medicina preventiva, além dos cuidados com os animais enfermos. Durante o monitoramento dos cativos, foi realizado o exame clínico de 20 cágados que haviam sido retirados do lago adjacente ao UCS Zoo; onze desses animais apresentavam lesão significativa em casco e plastrão, além de indicar sinais de blefarite. As lesões tegumentares foram diagnosticadas como *SCUD* (Doença Ulcerativa Cutânea Septicêmica), estando relacionada à blefarite pelas condições de manejo nutricional e ambiental.

Ademais, foi acompanhado o tratamento de pododermatite recorrente em uma gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*); lipidose hepática em cardeal-amarelo (*Gubernatrix cristata*); giardíase em sete bugios-ruivos (*Alouatta guariba*) e duas macacos-prego (*Sapajus nigritus*); uma cutia (*Dasyprocta azarae*) com quadro de ectoparasitose, otite e ceratoconjuntivite seca bilateral; um Tigre-d'água-de-orelha-vermelha (*Trachemys scripta elegans*) com pneumonia e um indivíduo da mesma espécie com formação de cáseo em membro pélvico.

4 ESTUDO DESCRITIVO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DE AVES APREENDIDAS E RECEBIDAS PELO UCS ZOO NO CONTEXTO DO TRÁFICO DE FAUNA SILVESTRE

4.1.1 Introdução

A intensificação da perda de biodiversidade, acelerada pelo modo de vida moderno, tem um efeito extremamente prejudicial sobre a vida em nosso planeta, uma vez que a extinção de cada espécie em um ambiente desestabiliza um conjunto de interações, tornando o ecossistema frágil e vulnerável (Ambrogi *et al.*, 2024). A fauna é um bem ambiental essencial para um meio ambiente ecologicamente equilibrado, direito constitucionalmente reconhecido no Brasil, sendo de uso comum do povo e pertencente à coletividade, devendo ser protegida para as futuras gerações. No entanto, o tráfico de animais silvestres no Brasil é uma realidade desde a colonização, quando esses seres passaram a ser apropriados pelos europeus (Charity; Ferreira, 2020; Filho *et al.*, 2021).

A remoção de espécies e indivíduos de seu habitat natural incentivada pelo tráfico de animais, não apenas coloca a espécie em questão em risco (frequentemente endêmica daquele ambiente), mas também influencia negativamente todos os organismos com os quais ela interage (Ambrogi *et al.*, 2024). O tráfico de vida silvestre, incluindo flora, fauna e seus produtos e subprodutos, é considerado a terceira maior atividade ilegal do mundo, atrás apenas do tráfico de armas e de drogas. Considerando apenas o tráfico de animais silvestres no Brasil, estima-se que cerca de 38 milhões de espécimes sejam capturados da natureza anualmente; no entanto, apenas quatro milhões desses chegam a ser comercializados (Filho *et al.*, 2021; RENCTAS, 2025; RENCTAS, 2026).

Manter animais silvestres como animais de estimação é uma tradição cultural herdada dos povos indígenas do país. Ao mesmo tempo, viajantes europeus que vieram ao Brasil no período colonial levavam consigo espécies exóticas, prática que, ao longo do tempo, se tornou um negócio lucrativo e precursor do atual comércio legal e ilegal de fauna silvestre (Charity; Ferreira, 2020).

Atualmente, há um aumento significativo na indústria de Pets, formando uma cultura que encoraja as pessoas a terem animais de estimação, sejam eles domésticos ou não (Ambrogi *et al.*, 2024). O tráfico de animais silvestres e exóticos também vem crescendo, se

especializando e se tornando um dos principais problemas ambientais e econômicos no Brasil e no mundo. O atual quadro de degradação ambiental que o país enfrenta é resultado de anos de exploração desenfreada de seus recursos naturais, pois sua diversidade gerava a ideia de recursos inesgotáveis, enquanto animais eram vistos como simples mercadorias e utilizados como fonte de renda (RENCTAS, 2001).

O Brasil é apontado como um dos maiores fornecedores de animais silvestres do mundo. Os dados nacionais são ainda mais alarmantes, pois, a cada dez espécimes capturados, apenas um chega ao seu destino, uma vez que os demais morrem durante a captura e/ou o transporte (Filho *et al.*, 2021). Os possíveis destinos da fauna silvestre capturada incluem zoológicos, colecionadores privados, atividades de biopirataria, comércio em pet shops e a utilização para obtenção de produtos derivados (RENCTAS, 2001). Além disso, foi realizada uma análise para identificar os fatores que motivam e contribuem para a continuidade dessa atividade, concluindo que ela está relacionada à questões culturais, educacionais e financeiras, uma vez que o tráfico é uma alternativa econômica, de lucro fácil e rápido; o status e satisfação pessoal em manter animais silvestres como animais de estimação também faz parte da motivação (Ambrogi *et al.*, 2024; RENCTAS, 2025).

Observou-se que, de modo geral, a fauna brasileira tem sido retirada das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país e encaminhada para as regiões Sudeste, Sul e outras áreas do Nordeste, por via terrestre ou fluvial, alimentando o comércio nacional. Em relação ao tráfico internacional ilegal, destacam-se as cidades localizadas em regiões de fronteira (Destro *et al.*, 2012).

Embora as consequências do tráfico sejam numerosas, é possível destacar três principais: sanitária, uma vez que os animais comercializados ilegalmente são vendidos sem qualquer controle sanitário e podem transmitir doenças graves, para outros animais e para os seres humanos; econômica/social, visto que o tráfico movimenta recursos financeiros sem gerar retorno ao Estado; e ecológica, pois a captura indiscriminada na natureza acelera o processo de extinção de espécies, causa danos às interações ecológicas e resulta na perda do patrimônio genético (Destro *et al.*, 2012; RENCTAS, 2001).

Além disso, o tráfico também pode causar impactos ecológicos decorrentes da introdução ilegal de espécimes exóticos que, embora adquiridos como animais de estimação, muitas vezes são abandonados, soltos na natureza ou entregues à zoológicos que sofrem com a superlotação (RENCTAS, 2001).

O tráfico de fauna silvestre é um crime extremamente lucrativo, com consequências graves, porém com penalidades relativamente brandas e baixo número de processos judiciais

(Destro *et al.*, 2012). Com o avanço da tecnologia e da internet, especialmente das redes sociais, essa prática vem ampliando seu alcance e complexidade, ameaçando a biodiversidade e a saúde pública (RENCTAS, 2025). Diante da relevância do tema, este trabalho teve como objetivo caracterizar as aves apreendidas e encaminhadas ao Zoológico da Universidade de Caxias do Sul, bem como contextualizá-las no cenário do tráfico de fauna silvestre, buscando ainda, promover a conscientização sobre o assunto.

4.1.2 Caracterização e triagem de aves apreendidas e recebidas pelo UCS Zoo

Durante o período de fevereiro à maio de 2026, foram recebidas pelo Zoológico e Instituto Hospitalar Veterinário da Universidade de Caxias do Sul dezesseis aves apreendidas e encaminhadas por órgãos ambientais parceiros da instituição, em três ocasiões distintas. Essas aves foram identificadas de acordo com as espécies e subespécies conforme a Tabela 7, avaliados, mantidos em tratamento e liberados para soltura conforme necessidade. A Figura 9 apresenta os passeriformes recebidos em um mesmo evento de apreensão.

Tabela 7 – Espécies recebidas de apreensão, ordem e número total de animais

Nome comum	Nome científico	Ordem	Total (N)
Coleirinho	<i>Sporophila caeruleescens</i>	Passeriforme	6
Canário-da-terra-verdadeiro	<i>Sicalis flaveola</i>	Passeriforme	3
Trinca-ferro	<i>Saltator similis</i>	Passeriforme	2
Canário-doméstico	<i>Serinus canaria domestica</i>	Passeriforme	2
Canário-da-terra	<i>Sicalis flaveola brasiliensis</i>	Passeriforme	1
Azulão	<i>Cyanoloxia brissonii</i>	Passeriforme	1
Caturrita	<i>Myiopsitta monachus</i>	Psitaciforme	1
Total			16

Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

Figura 9 – (A) e (B) *Sicalis flaveola*. (C) e (H) *Sporophila caerulescens*. (D) *Sicalis flaveola brasiliensis*. (E), (F) e (G) *Sporophila caerulescens* filhotes. (I) e (J) *Serinus canaria domestica*. (K) *Saltator similis*.



Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

O histórico dos animais atendidos é de extrema importância; no entanto, a ilegalidade de sua origem limita o acesso do médico veterinário à informações detalhadas em relação à anamnese. No caso de aves apreendidas, os dados disponíveis geralmente se restringem ao local de origem, à identificação das espécies e à quantidade de indivíduos envolvidos. Dessa forma, a avaliação das condições de manejo, alimentação e estado geral de saúde passa a depender de um exame clínico minucioso, aliado à observação do ambiente e da gaiola em que o indivíduo se encontra. Essas limitações tornam o diagnóstico preciso um desafio, sendo necessário exames complementares e monitoramento contínuo do animal, a fim de estabelecer uma avaliação precisa e direcionar adequadamente a conduta terapêutica.

Os animais recebidos não possuíam identificação, sendo aves silvestres e exóticas não regularizadas. A avaliação inicial considerou estágio de vida, escore de condição corporal (ECC), peso, hidratação, presença de ectoparasitas, plumagem, condição podal, de membros e asas, coanas, cloaca, glândula uropigiana, mucosas e cavidade oral, sinais respiratórios, capacidade de vôo, nível de consciência e comportamento.

A maioria dos animais avaliados não apresentou alterações clínicas relevantes ou apresentou apenas escoriações leves, que não comprometiam sua sobrevivência na natureza, sendo, portanto, considerados aptos para soltura.

No entanto, foram identificados dois indivíduos de subespécie exótica da região sul do Brasil. O Canário-doméstico (*Serinus canaria domestica*) e o Canário-da-terra (*Sicalis flaveola brasiliensis*) não ocorrem no Rio Grande do Sul e, por esse motivo, a soltura não pôde ser realizada. Sendo assim, os animais foram encaminhados para um mantenedouro de fauna. Apesar de não apresentar alterações que demandassem intervenção veterinária imediata, o exemplar de *Sicalis flaveola brasiliensis* apresentou nódulo sugestivo de lipoma em região cervical (Figura 10A), achado frequentemente associado a dietas hiperlipídicas e inadequadas para a espécie (Harrison; McDonald, 2006).

Dentre os animais que apresentaram alterações significativas, estava um exemplar de Trinca-ferro (*Saltator similis*) com retrizes fraturadas, lesão em região supra orbital e em região caudal à gnatoteca (Figura 10B), achados compatíveis com manutenção em gaiola inadequada para o porte da espécie (Godoy; Matushima, 2010). A ave foi mantida internada para tratamento medicamentoso com meloxicam 1 mg/kg *SID* por 5 dias e enrofloxacino 10 mg/kg *BID* por 7 dias, ambas por via intramuscular (Guzmán *et al.*, 2023). Além disso, a limpeza das feridas era feita diariamente, uma vez ao dia, com solução fisiológica.

Foram realizadas coleta de fezes para análise coproparasitológica e coleta de sangue para hemograma, porém nenhuma alteração foi constatada nos exames. O exame de radiografia também foi realizado para descartar qualquer possibilidade de fraturas, resultado que da mesma forma, não apresentou alterações. Após dez dias de internação e melhora nas lesões, a ave foi encaminhada para soltura.

Durante a avaliação do exemplar de Caturrita (*Myiopsitta monachus*), foi observado descamação córnea em ranfoteca, lesões traumáticas em parte ventral da asa esquerda (região de articulação úmero-rádio-ulnar - Figura 10C) e na asa direita (região carpal) e ausência de penas em região peri caudal. A ausência de penas, também conhecida como hipotricose, pode ser causada por diversos fatores, como ectoparasitas, doenças virais e metabólicas, automutilação comportamental, entre outros (Doneley, 2010; Harcourt-Brown, 2010; Harrison; McDonald, 2006).

Em decorrência da condição ser multifatorial, o histórico do paciente é fundamental (Doneley, 2010); como os casos de apreensão impossibilitam o acesso à informações relevantes para o caso, exames complementares são indispensáveis. Contudo, assim como os exames realizados no indivíduo de Trinca-ferro (*Saltator similis*), hemograma e coproparasitológico, não foram identificadas alterações que justificassem suas lesões cutâneas; ectoparasitas também não foram encontrados nas penas da ave.

Um indicativo de que a própria caturrita realizava o arrancamento das penas (e não um processo infeccioso como causa das lesões) foi a localização das alterações em áreas acessíveis ao bico, como a região dorsal e peri caudal, em vez da região da cabeça e pescoço, por exemplo (Doneley, 2010). Diante disso, o animal foi submetido a tratamento não medicamentoso, com manejo nutricional e ambiental adequado. O manejo correto nesse caso foi imprescindível, visto que a causa de sua hipotricose se deve, provavelmente, ao arrancamento das penas por estresse.

A dieta adequada para caturritas mantidas em cativeiro é composta majoritariamente por ração extrusada para psitacídeos e enriquecimento com frutas (como banana, uva verde sem sementes e maçã sem sementes) além de vegetais (cenoura), oleaginosas (como castanha do Brasil, amendoim e coquinho) e sementes de girassol (Antelme; Ciríaco, 2010). A diversidade de alimentos que compõem a nutrição de um psitacíforme possibilita a elaboração de diferentes estratégias de enriquecimento ambiental a partir desses recursos. Promover oportunidades de forrageamento podem reduzir o comportamento de arrancamento de penas, aumentando o bem-estar físico e psicológico da ave, visto que se trata de uma atividade natural da espécie (Antelme; Ciríaco, 2010; Seibert, 2007).

Além do manejo em relação à dieta, um recinto com tamanho e poleiros adequados para o indivíduo foram providenciados. Idealmente, psitacíformes devem ser mantidos com outros indivíduos da mesma espécie ou da mesma ordem, pois são animais altamente sociáveis que se beneficiam de convivência, estabelecendo rapidamente estruturas sociais estáveis (Seibert, 2007).

Contudo, em razão da avaliação contínua realizada para melhor compreensão do quadro clínico e estabelecimento do diagnóstico, a ave em questão permaneceu em quarentena durante todo o período de estágio. A avaliação comportamental indicou moderada aceitação humana pela ave, o que pode comprometer seu retorno à natureza. Em função disso, é provável que a ave passe a integrar o plantel do UCS Zoo e, em momento oportuno, seja introduzida em recinto junto aos demais psitacídeos da instituição.

Além dessas aves, dois filhotes de Coleirinho (*Sporophila caerulescens*) apresentaram alterações importantes. Foi observado baixa condição corporal (1 e 2 numa escala de 1-5, sendo 1 extremamente magro - Figura 10D - e 5 obeso) e ausência de retrizes. Em um dos indivíduos, foi registrado a ausência bilateral de ossos carpais, sugestivo de procedimento cirúrgico inadequado para contenção de vôo. Essas aves foram mantidas na instituição para internação, porém vieram à óbito em poucas horas, não sendo possível a realização de exames complementares e tratamento.

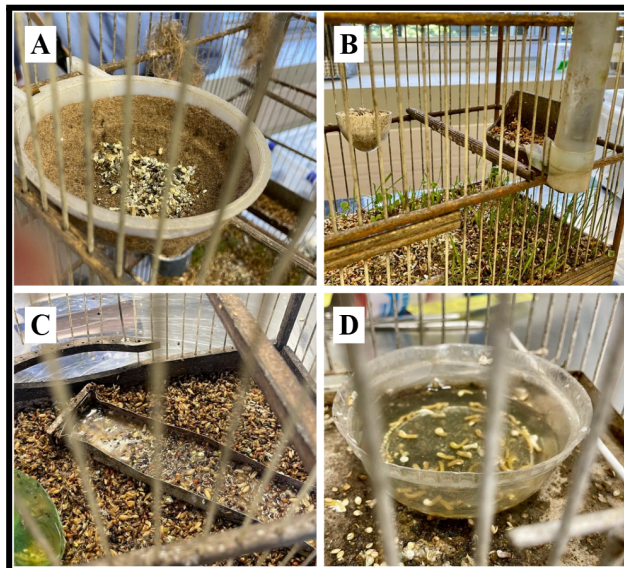
Figura 10 – (A) *Sicalis flaveola brasiliensis* com presença de lipoma em região cervical. (B) *Saltator similis* com lesão caudal à gnatoteca. (C) *Myiopsitta monachus* com lesões traumáticas na região ventral da asa. (D) *Sporophila caerulescens* filhote com escore de condição corporal 1.



Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

Uma observação de extrema importância para a avaliação de aves apreendidas é a condição ambiental em que são recebidas. Conforme evidenciado pela Figura 11, as condições sanitárias em que os animais se encontravam eram precárias. Os bebedouros estavam sujos, algumas gaiolas estavam em estado de putrefação, o acúmulo de fezes era excessivo e a falta de limpeza era evidente.

Figura 11 – Exemplos de gaiolas em condições precárias e com acúmulo excessivo de sujidades em que as aves apreendidas eram mantidas



Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

Com base na análise das médicas veterinárias responsáveis, foi possível concluir que as condições em que os animais se encontravam eram compatíveis com maus tratos. Ademais, observou-se que havia indivíduos com condição corporal inadequada, indicativa de deficiência nutricional. Verificou-se também ocorrência de alterações clínicas, incluindo lesões traumáticas, capazes de gerar dor e sofrimento. As condições de confinamento, caracterizadas por restrição significativa de espaço e higiene precária, configuram cenário de desconforto físico contínuo. Dessa forma, os achados clínicos e as condições de manejo constatadas caracterizam violação dos princípios fundamentais de bem-estar animal (Brambell, 1965).

4.1.3 Perfil de aves apreendidas

4.1.3.1 *Espécies mais ameaçadas pelo tráfico*

A classe das Aves é a mais representativa quando se trata de animais traficados no Brasil, sendo a ordem dos Passeriformes e Psitacídeos as mais afetadas segundo diversas

pesquisas (Costa *et al.*, 2018; Destro *et al.*, 2012; Echenique *et al.*, 2020; Santos *et al.*, 2022). A intensa captura de passeriformes é direcionada ao mercado nacional (RENCTAS, 2001), sendo inclusive, legalizada a criação de diversas espécies em cativeiro por criadores amadores, sob regulamentação e fiscalização de órgãos ambientais (Costa; Monteiro, 2016). O SISPASS (Sistema de Cadastro de Criadores Amadoristas de Passeriformes) é um sistema informatizado criado pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) com objetivo de controlar essa atividade.

No entanto, é na criação legal não comercial de aves em cativeiro, fortemente influenciada pela ampla cultura de manter e reproduzir aves canoras, que ocorre a maior parte das práticas ilegais, por meio da falsificação de autorizações, declarações de registro falsas, adulteração de anilhas de identificação, entre outros (Charity; Ferreira, 2020). Um indivíduo de *Serinus canaria domestica* recebido para atendimento na instituição apresentava anilha falsa. A ilegalidade ocorre quando os carregamentos de passeriformes frequentemente contém 2 ou 3 vezes mais do que o número declarado em documentos; ou quando espécimes são declarados como nascidos em cativeiro, quando na verdade são selvagens (RENCTAS, 2001).

O Brasil abriga uma das mais ricas avifaunas do mundo, contando com 1.919 espécies (Piacentini *et al.*, 2015), o que se reflete na diversidade e facilidade em encontrar e capturar esses animais; entretanto, é o país com o maior número de espécies de pássaros em extinção (Develey, 2020).

Regionalmente, há diferenças nas espécies representativas, o que deve ocorrer em decorrência da maior abundância natural das diferentes localidades (Costa *et al.*, 2018). Todavia há um consenso sobre as espécies mais traficadas no Brasil, sendo o Canário-da-terra-verdadeiro (*Sicalis flaveola*), o Trinca-ferro (*Saltator similis*) e o Coleirinho (*Sporophila caerulescens*) as mais apreendidas (Ambroggi *et al.*, 2024; Charity; Ferreira, 2020; Costa *et al.*, 2018; Destro *et al.*, 2012; RENCTAS, 2025).

As aves recebidas pelo UCS Zoo foram predominantemente da ordem Passeriforme (94,1%). Em relação às espécies, as três com maior número de indivíduos, estão em concordância com o descrito na literatura. Esses resultados sugerem que o padrão de preferência por aves mantidas em cativeiro na região da Serra Gaúcha é semelhante ao observado em nível nacional.

4.1.3.2 Afecções clínicas

Os comportamentos mais observados em animais apreendidos foram compatíveis com estresse, como esteriotipias, evidenciando o impacto negativo do tráfico e da captura ilegal sobre o bem-estar animal. É importante reconhecer que o processo de captura e transporte impõe um elevado nível de estresse agudo aos animais, devido ao manejo forçado, confinamento em espaços restritos e, frequentemente, às condições inadequadas de ventilação, alimentação e hidratação durante o transporte (Ambrogi *et al.*, 2024). Essas condições desencadeiam uma série de respostas fisiológicas e comportamentais ao estresse, como o aumento dos níveis de corticosteroides, o que pode comprometer o sistema imunológico e aumentar a suscetibilidade a doenças (Pohlin *et al.*, 2020).

As aves recebidas para atendimento mostravam sinais claros de estresse, através de grande agitação, vocalização excessiva e dispneia. Além disso, grande parte das aves possuía algum grau de lesão traumática, possivelmente pelo manejo em ambiente inadequado em que se encontravam, transporte realizado e estresse elevado. A maioria das aves que chega aos centros de atendimento encontra-se bastante debilitada, com alteração na plumagem, penas quebradas ou ausência delas, atrofia de músculos peitorais pelo confinamento em espaço inadequado e impossibilidade de vôo. Essas alterações são consequências das condições em que as aves são submetidas após a captura na natureza, transporte e cativeiro. Em todas as fases desse processo, a mortalidade é elevada (Godoy; Matushima, 2010; RENTAS, 2001).

Pássaros apreendidos muitas vezes são recebidos em gaiolas sujas com penas, fezes e restos de alimentos (Costa; Monteiro, 2016), mantidos em altas densidades, com ventilação e alimentação inadequada e insuficiente (Godoy; Matushima, 2010). Altas concentrações de aves, favorecem a circulação de elevadas cargas de agentes infecciosos. Essa condição, associada ao estresse e à consequente imunossupressão, tornam as doenças, especialmente as pulmonares, frequentes (Cruz *et al.*, 2021; Godoy; Matushima, 2010; Lacerda *et al.*, 2024).

Estudos demonstram que as causas infecciosas são responsáveis por elevadas taxas de mortalidade em aves apreendidas, especialmente devido à ação de patógenos oportunistas, que dependem de um alto grau de imunossupressão do hospedeiro. Agentes como poxvírus, *Aspergillus* e coccídios podem coexistir em hospedeiros hígidos sem provocar alterações clínicas, porém tornam-se patogênicos quando há comprometimento do sistema imunológico (Godoy; Matushima, 2010). Além disso, fatores como dieta, condições ambientais, estado geral de saúde e ocorrência de coinfeções também influenciam o desenvolvimento de doenças (Alexander; Senne, 2008). Os indivíduos admitidos à internação (*Saltator similis* e

Myiopsitta monachus), não apresentaram resultados que identificassem infecção por agente viral, bacteriano, fúngico ou parasitário em seus respectivos exames laboratoriais.

Idealmente, todo animal recebido em centros de triagem e atendimento passaria por protocolos de quarentena e exames estratégicos e específicos previamente à soltura, visando a proteção da fauna silvestre (Cruz *et al.*, 2021). Entretanto, centros de recepção de fauna, como zoológicos e CETAS (Centros de Triagem de Animais Silvestres) tendem a operar com superlotação e recursos limitados, podendo receber e realizar exames em um número restrito de indivíduos (Charity; Ferreira, 2020).

Dessa forma, autoridades realizam a soltura imediata dos animais no local ou nas proximidades de onde foram capturados. Milhares de animais são liberados dessa forma, nem sempre em conformidade com diretrizes e medidas de segurança adequadas. Apesar das críticas existentes quanto à soltura de animais apreendidos na natureza, há evidências de sucesso na liberação de aves em habitats naturais e seminaturais (Charity; Ferreira, 2020). Por esse motivo, a maior parte das aves recebidas e avaliadas pelas médicas veterinárias do UCS Zoo, foram consideradas aptas para soltura, sendo encaminhadas pelas autoridades competentes aos locais que correspondem ao seu habitat natural.

Além de doenças infecto-contagiosas, doenças metabólicas também foram descritas como principal causa de óbito em Passeriformes de vida livre. Um estudo realizado no Rio Grande do Sul, no qual foram necropsiados 381 cadáveres de aves ao longo de oito anos, identificou a caquexia como o diagnóstico mais frequente, sugerindo que esses animais não foram capazes de se adaptar à dieta em cativeiro após a captura ilegal na natureza. Os autores também citam a ocorrência de mortes súbitas em animais que não apresentavam caquexia, exclusivamente em passeriformes. Todos os casos apresentavam histórico de episódios de estresse (apreensão por órgãos ambientais), compatíveis com miopatia de captura (Echenique *et al.*, 2020).

Os óbitos dos dois filhotes de Coleirinho (*Sporophila caerulescens*) podem ser explicados com base nos achados descritos na literatura. Um dos indivíduos evoluiu para óbito poucas horas após a sua chegada à instituição, apresentando ECC 1, compatível com caquexia. O outro indivíduo apresentou o mesmo desfecho, em curto intervalo após admissão, sem alterações clínicas aparentes, com exceção da amputação bilateral dos ossos carpais; nesse caso, o óbito pode estar associado ao estresse agudo decorrente do processo de captura e manejo.

Para oferecer às aves apreendidas uma segunda chance adequada, a reabilitação deve concentrar-se no fornecimento do básico (alimentação, ambiente e manejo sanitário) até que

estejam suficientemente aptas (condição corporal, integridade da plumagem e comportamento) para enfrentar a vida na natureza. O período de recuperação deve ser o mais curto possível, uma vez que a liberação tardia pode aumentar a mortalidade (Richardson *et al.*, 2013). Outro motivo para encerrar o cativeiro rapidamente é a dificuldade em fornecer uma dieta completa equivalente àquela disponível no ambiente natural (Cruz *et al.*, 2021).

4.1.4 Destinação

Após a apreensão, os animais são encaminhados a locais especializados, como CETAS, zoológicos e instituições credenciadas para triagem, tratamento e reabilitação e, quando possível, são liberados em fragmentos que correspondem ao seu habitat natural (Ambrogi *et al.*, 2024). No entanto, outro desafio recorrente no contexto do tráfico de animais é que, idealmente, a destinação dos animais apreendidos deveria ser realizada no local onde ocorreu a captura, porém essa informação dificilmente chega às autoridades (Costa *et al.*, 2018).

Aves com históricos de cativeiro prolongado, com comportamento manso, de origem incerta, espécies exóticas ou com alterações clínicas, não devem ser reintroduzidas na natureza, devendo permanecer em centros de manejo de fauna silvestre (Costa; Monteiro, 2016). Contudo, indivíduos saudáveis, oriundos de apreensões ilegais e retirados de seu habitat natural, podem ser devolvidos à natureza, quando atendidos os critérios técnicos para reintrodução. A realização de solturas planejadas também cria oportunidades para envolver comunidades locais no monitoramento das aves reintroduzidas, constituindo uma importante ferramenta de educação e conscientização (Charity; Ferreira, 2020).

Quando realizada de maneira planejada (com critérios) e monitorada, a soltura de aves na natureza pode ser decisiva na recuperação de populações naturais, além de resolver o problema dos viveiros lotados e custos de manutenção arcados pelos órgãos governamentais (SAVE Brasil, 2017).

4.1.5 A importância dos zoológicos como mantenedores de fauna

Os zoológicos desempenham um papel importante na recuperação de populações de espécies ameaçadas, na proteção de seus habitats, na manutenção da diversidade genética e

no desenvolvimento de novas estratégias de conservação. Programas de reprodução e reintrodução na natureza auxiliam a preservação de espécies raras e ameaçadas (Fatima, 2024).

O manejo integrado de espécies envolve a articulação entre conservação *in situ* e *ex situ*, buscando manter populações geneticamente viáveis em cativeiro, geralmente em criadouros científicos, comerciais ou zoológicos, ao mesmo tempo em que implementa medidas voltadas à conservação dos habitats naturais capazes de abrigar esses animais, seus descendentes ou até mesmo seu material genético (Cullen *et al.*, 2003).

O destino dos animais apreendidos, resgatados com histórico de cativeiro prolongado, que não apresentam condições de reintrodução à natureza e que não estejam na lista oficial das espécies ameaçadas de extinção, é preferencialmente direcionado a zoológicos, criadouros registrados no IBAMA e centros de pesquisa. Assim, essas instituições não atuam apenas como locais de reabilitação e triagem, mas também como destinos para indivíduos considerados não aptos à vida livre, garantindo manejo sanitário, nutricional e comportamental contínuo (Felippe; Adania, 2014; Kleiman *et al.* 2010). Um exemplo disso é a existência de aves ameaçadas de extinção presentes no plantel do UCS Zoo, como o cardeal-amarelo (*Gubernatrix cristata*), o papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*), papagaio-charão (*Amazona pretrei*), tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*) e arara-vermelha-grande (*Ara chloropterus*) (IUCN, 2026).

As instituições zoológicas desempenham um papel fundamental na conservação da biodiversidade, ao promoverem a educação ambiental e o engajamento do público. Essas ações contribuem para o fortalecimento da responsabilidade ambiental, ampliam a conscientização sobre a importância da fauna e viabilizam programas de arrecadação de recursos. Em conjunto, tais iniciativas promovem mudanças na percepção das pessoas sobre a vida selvagem e o meio ambiente como um todo (Fatima, 2024).

4.1.6 Conservação de aves e sua importância ecológica

As aves estão entre as espécies mais importantes para a manutenção de ecossistemas (Whale *et al.*, 2024), sendo excelentes indicadores de qualidade ambiental (Develey, 2020). Um dos papéis ecológicos essenciais desempenhados por esses animais, é a dispersão de sementes e a polinização (Whelan *et al.*, 2015), especialmente em florestas tropicais, onde cerca de 70% das espécies vegetais dependem das funções desempenhadas pelas aves para manter seu ciclo reprodutivo (Donoso *et al.*, 2020).

A ordem dos passeriformes engloba 60% de todas as espécies de aves (Whale *et al.*, 2024); no entanto, apenas 29% da população de pássaros de 1970 ainda existe (Rosenberg *et al.*, 2019). A avifauna está ameaçada globalmente, principalmente em função do desmatamento, agricultura, caça ilegal e mudanças climáticas (IUCN, 2026).

O Brasil e a região Neotropical têm uma relevância mundial no que diz respeito à diversidade das aves e ao elevado número de espécies ameaçadas de extinção. Entre os biomas brasileiros, a Mata Atlântica destaca-se por concentrar a maior quantidade de espécies ameaçadas no país. Além disso, o alto número de espécies endêmicas nos países neotropicais aumenta a responsabilidade da região em relação à conservação da avifauna, tornando urgente a implementação de ações práticas e efetivas voltadas à proteção desses animais (Develey, 2020).

Em muitos casos, a proteção do habitat não é suficiente para reverter o status de ameaça de uma determinada espécie, especialmente quando o tamanho da população já atingiu níveis muito baixos (Develey, 2020). Nestes casos, são necessárias intervenções diretas, como medidas de conservação *in situ*, através de soltura, reintrodução, repatriação, revigoramento e gerenciamento genético e genealógico de populações mantidas *ex situ*, que visam o seu restabelecimento (Costa *et al.*, 2018).

Um projeto de reintrodução realizado na Mata Atlântica do sul do Brasil, reabilitou e libertou 76 indivíduos de papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*), a maioria deles recuperados do comércio ilegal. Através do monitoramento pós soltura, a reprodução foi confirmada com o nascimento de nove papagaios, demonstrando que, com os métodos apropriados, é possível devolver aves que estavam vivendo em cativeiro para a natureza (Kanaan; Pedroso, 2016).

A reintrodução de aves, quando realizada de forma criteriosa, é uma importante ferramenta para preservação das espécies. Além de promover o bem-estar animal ao possibilitar a vida em liberdade no habitat natural, também proporciona a oportunidade para indivíduos desempenharem seus papéis ecológicos, contribuindo para o equilíbrio dos ecossistemas e para a conservação de espécies ameaçadas de extinção (Seddon *et al.*, 2014).

Todavia, uma das limitações para o manejo direto das espécies é a falta de conhecimento sobre a biologia básica das aves brasileiras, especialmente os pequenos Passeriformes, o que faz com que o planejamento e a execução das medidas de manejo se tornem mais complexas (Develey, 2020).

Outro ponto importante é a presença de espécies exóticas traficadas, fato que sugere que o Brasil, além de exportador, é também importador; essa prática contribui para o impacto

sobre populações de aves em outros países (Costa *et al.*, 2018). Há necessidade de uma abordagem coordenada à nível internacional, envolvendo políticas integradas e colaborativas que englobem tanto a prevenção quanto a repressão do tráfico de vida silvestre (Ambrogi *et al.*, 2024).

A identificação de espécies apreendidas ameaçadas de extinção configura um agravante previsto na Lei de Crimes Ambientais, sendo o aumento da pena um fator desestimulante para a prática do crime. Ademais, é fundamental a criação de programas específicos voltados ao manejo adequado desses indivíduos, com o objetivo de possibilitar sua reintrodução em ambiente natural sempre que possível, minimizando os impactos decorrentes de sua retirada do meio ambiente (Costa *et al.*, 2018).

Mudar este cenário preocupante não é uma tarefa fácil e requer o envolvimento ativo da sociedade e o engajamento em medidas práticas de conservação, além de investimento em pesquisa para preservação por parte do governo. Medidas como a implementação de áreas protegidas, iniciativas de conservação em terras privadas e o manejo direto de espécies, certamente podem contribuir para reverter este status de ameaça às aves do Brasil (Develey, 2020).

4.1.7 Combate ao tráfico

A responsabilidade pelo monitoramento e combate ao tráfico de fauna silvestre no Brasil é distribuída entre diversas autoridades. O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) desempenha um papel fundamental na aplicação das normas ambientais e no combate ao comércio ilegal de vida silvestre. O IBAMA realiza fiscalizações, investiga casos de tráfico e aplica penalidades a indivíduos ou organizações envolvidas nessas atividades. A Polícia Federal, por meio de unidades especializadas, como a Polícia Ambiental, também participa dos esforços de fiscalização, realizando operações para apreender traficantes e desarticular redes criminosas. Além disso, organizações não governamentais (ONGs) e outros grupos da sociedade civil contribuem ativamente no combate ao tráfico de fauna, promovendo conscientização, apoiando iniciativas de conservação e defendendo o fortalecimento da legislação e das medidas de fiscalização (Ambrogi *et al.*, 2024).

Além disso, o IBAMA tem como responsabilidade a Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção (CITES). A CITES é um acordo internacional que tem como objetivo garantir que o comércio de animais

e plantas silvestres não ameace a sobrevivência das espécies. Estabelecida em 1973, a convenção regula a importação e exportação de espécimes por meio de um sistema de licenças e certificados, classificando as espécies em diferentes apêndices de acordo com o grau de risco de extinção e o nível de controle necessário. Dessa forma, a convenção busca conciliar o comércio internacional com a conservação da biodiversidade, promovendo o uso sustentável dos recursos naturais e a proteção das espécies mais vulneráveis (Brasil, 2026).

No entanto, a legislação vigente não considera o tráfico de fauna silvestre como um “crime grave”, prevendo penas brandas que não atuam como um fator de desestímulo aos crimes contra a vida selvagem (Charity; Ferreira, 2020). A adoção de uma abordagem legislativa mais rigorosa, bem como de políticas públicas voltadas à educação ambiental e à conscientização da sociedade sobre a importância da biodiversidade e os impactos negativos dos crimes ambientais, é fundamental. Essas mudanças não apenas fortalecerão a proteção ambiental, mas também transmitirão uma mensagem clara sobre a importância da conservação da natureza e da responsabilidade legal e social no combate a esses crimes (Ambrogi *et al.*, 2024; Costa *et al.*, 2018; RENCTAS, 2025).

Uma das formas de reduzir a pressão sobre as populações exploradas pelo tráfico seria o incentivo a programas de reprodução em cativeiro para atender à demanda comercial (RENCTAS, 2001). No entanto, essa estratégia pode ser motivo de grande preocupação, uma vez que esses programas não conseguem alcançar os baixos preços oferecidos pelo tráfico (Charity; Ferreira, 2020). Pesquisas mostram que a demanda está associada a custos financeiros, pois espécimes devidamente legalizados e criados em cativeiro são mais caros do que aqueles obtidos ilegalmente (Santos *et al.*, 2022).

A maior parte da população fornecedora de animais silvestres sempre foi estimulada a explorar os recursos naturais de maneira extrativista, com a mentalidade de que esses são inesgotáveis. Os fornecedores, em sua grande parte, são populações humildes do interior do Brasil, muitas vezes sem acesso à educação e recursos básicos, que descobriram no comércio da fauna uma fonte de renda complementar (Destro *et al.*, 2012; RENCTAS, 2001).

Em contrapartida, há um avanço do tráfico de animais silvestres no ambiente digital, que gera desafios aos órgãos fiscalizadores, devido a rapidez com que as informações circulam, possibilitando que anúncios de venda sejam criados e removidos em questão de minutos. Em função disso, faz-se necessário a constante vigilância e inovação nas estratégias de combate a crimes ambientais (RENCTAS, 2025).

O envolvimento majoritário de jovens entre 11 e 30 anos nesse âmbito criminal também reforça a necessidade de ações preventivas, como campanhas educativas voltadas às

gerações mais novas e o uso de estratégias digitais para enfrentamento do crime. A familiaridade com a tecnologia, somada à facilidade de acesso a ferramentas de anonimato e à falta de percepção sobre a gravidade ambiental e jurídica do tráfico, faz com que muitos desses jovens ingressem nesse mercado criminoso (RENCTAS, 2025).

Não será possível combater a coleta ilegal de fauna silvestre nas áreas de origem sem lidar com questões como pobreza e inclusão social. Isso requer políticas públicas amplas e a presença do Estado, garantindo educação, saúde, acesso à recursos básicos, bem como capacitação profissional e incentivos à criação de fontes estáveis de renda (Charity; Ferreira, 2020).

Por outro lado, há um consenso geral de que fatores culturais desempenham um papel importante na demanda por animais silvestres no comércio ilegal de animais de estimação; a mudança no comportamento dos consumidores é um componente fundamental de uma estratégia eficaz para o combate ao tráfico de fauna silvestre, a qual deve ser implementada por meio de uma fiscalização eficiente, campanhas de conscientização e educação ambiental (Charity; Ferreira, 2020). Conservar a fauna brasileira é um dever coletivo. Cada órgão, cada profissional, cada cidadão tem um papel a desempenhar. E esse papel começa com informação, compromisso e ação (RENCTAS, 2025).

4.1.8 Conclusão

O número de animais vítimas de tráfico aumentou significativamente nos últimos anos, gerando importantes desafios ambientais. As aves representam o grupo mais afetado, principalmente os passeriformes e os psitacídeos, que chamam atenção por suas cores, cantos e sua inteligência.

As principais afecções identificadas em aves apreendidas são decorrentes de estresse, como comportamentos estereotipados, automutilação, traumas e deficiências nutricionais. Embora a maior parte dessas aves possa ser reintroduzida na natureza, muitos indivíduos necessitam de acompanhamento e intervenções veterinárias realizadas em instituições como CETAS e zoológicos. Esses locais frequentemente enfrentam superlotação devido ao número elevado de animais recebidos, principalmente aqueles sem possibilidade de soltura, como espécies exóticas ou indivíduos com alta tolerância ao contato humano, decorrente da criação em cativeiro.

Nesse contexto, os zoológicos desempenham um papel fundamental tanto na pesquisa quanto na conservação de espécies ameaçadas, atuando em programas de reprodução para conservação, reintrodução e manejo especializado. No entanto, é essencial que a dependência

dessas instituições seja reduzida por meio de medidas preventivas voltadas à conservação da biodiversidade. Assim, programas efetivos de educação ambiental e conscientização pública tornam-se indispensáveis para reduzir práticas nocivas à fauna e promover a preservação dos ecossistemas, considerando que ambientes biodiversos também são fundamentais para a qualidade de vida humana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados apresentados ao longo deste trabalho, entende-se que o tráfico de animais silvestres permanece como um dos principais desafios ambientais, sanitários e ecológicos do Brasil e do mundo. A intensa exploração da fauna brasileira, associada à elevada biodiversidade do país e à percepção histórica de recursos naturais inesgotáveis, contribuíram para a consolidação dessa prática.

As aves representam o grupo mais afetado pelo tráfico de animais no Brasil, especialmente espécies pertencentes às ordens Passeriforme e Psittaciforme. A captura de passeriformes é direcionada principalmente ao mercado nacional de animais de estimação, impulsionado pelo crescimento da indústria pet e por fatores culturais.

Os resultados obtidos no presente trabalho demonstram consonância com o panorama nacional descrito na literatura, uma vez que as espécies mais recebidas pelo UCS Zoo foram o canário-da-terra-verdadeiro (*Sicalis flaveola*), o trinca-ferro (*Saltator similis*) e o coleirinho (*Sporophila caerulescens*). Entre os animais avaliados, observou-se predominância de indivíduos sem alterações clínicas graves ou apresentando apenas lesões leves, sendo considerados aptos para a soltura. Além dos impactos físicos, os animais apreendidos frequentemente apresentaram alterações comportamentais compatíveis com estresse, incluindo estereotípias, arrancamento de penas e lesões decorrentes de traumas.

Zoológicos e centros de recebimento de fauna são necessários não apenas no atendimento clínico e na reabilitação de animais apreendidos, mas também como destinos permanentes para indivíduos considerados inaptos à vida livre. No entanto, a soltura e a reintrodução de aves silvestres permitem o retorno dos indivíduos ao ambiente natural, assim como a recuperação de populações silvestres e o restabelecimento de importantes funções ecológicas.

O estágio curricular obrigatório realizado no UCS Zoo proporcionou um conhecimento técnico e ampliado sobre o funcionamento, objetivos e responsabilidades de um zoológico, principalmente no que diz respeito ao acolhimento de animais silvestres em vulnerabilidade. O Zoológico da Universidade de Caxias do Sul desempenha um papel fundamental na educação ambiental e conscientização da comunidade, acadêmicos e profissionais; o compromisso com a saúde e bem-estar dos animais é a prioridade da instituição, inspirando aqueles que conhecem a desenvolverem uma visão mais crítica, responsável e comprometida com a conservação da biodiversidade e a proteção da fauna silvestre.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, D. J.; SENNE, D. A. Newcastle disease, other avian paramyxoviruses, and pneumovirus infections. In: SAIF, Y. M. *et al.* **Diseases of Poultry**. Iowa City, IA: Iowa State University Press, p. 75–100, 2008. Disponível em: <https://anyflip.com/ffxh/wlnr/basic>. Acesso em: 28 mar. 2026.

AMBROGI, B. *et al.* Wild animal trafficking in Brazil: challenges for fauna protection. **Environment, Development and Sustainability**, 2024. <https://doi.org/10.1007/s10668-024-05183-3>

ANTELME, L. R.; CIRÍACO, M. F.. **Psitacídeos: Manejo, nutrição e enriquecimento ambiental no setor de animais selvagens - UFLA**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Lavras, Curso de Zootecnia. Lavras, Minas Gerais, 2010. Disponível em: https://sip.prg.ufla.br/arquivos/php/bibliotecas/repositorio/download_documento/baixar_por_anosemestre_matricula.php?arquivo=20201_201421410. Acesso em: 3 mai. 2026.

Associação de Zoológicos e Aquários do Brasil (AZAB). Conservação, 2025. Disponível em: <https://azab.org.br/conservacao/>. Acesso em: 10 abr. 2026.

BRAMBELL, R; F.W. **The Brambell Report** - Report of the Technical Committee to inquire into the Welfare of the Animals kept under intensive livestock husbandry systems, 1965

BRASIL. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). **Licença CITES**. Disponível em: <https://www.gov.br/ibama/pt-br/assuntos/biodiversidade/cites-e-comercio-exterior/licenca-cites>. Acesso em: 17 abr. 2026.

BROOM, D. M. Animal welfare: concepts and measurements. **Journal of Animal Science**, v. 69, p. 4167-4175, 1991. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/21376625_Animal_Welfare_Concepts_and_Measurement. Acesso em: 28 mar. 2026.

CHARITY, S.; FERREIRA, J. M. **Wildlife Trafficking in Brazil**. **TRAFFIC International**, Cambridge, United Kingdom, 2020. Disponível em: https://www.traffic.org/site/assets/files/13031/brazil_wildlife_trafficking_assessment.pdf. Acesso em: 16 mar. 2026.

COSTA, F. J. V. *et al.* Espécies de Aves Traficadas no Brasil: Uma Meta-Análise com Ênfase nas Espécies Ameaçadas. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 7, n. 2, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.21664/2238-8869.2018v7i2.p324-346>

COSTA, F. J. V.; MONTEIRO, K. R. G.. **Guia de identificação de aves traficadas no Brasil**, 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/guias-de-aves/2019-pan-aves-da-mata-atlantica-guia-identificacao-aves-trafficadas.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2026

CRUZ, C. E. F. *et al.* A Preliminary Assessment of the Potential Health and Genetic Impacts of Releasing Confiscated Passerines Into the Wild: A Reduced-Risk Approach. **Front. Vet. Sci.** 8:679049, 2021. doi: 10.3389/fvets.2021.679049

CULLEN, L. J. *et al.* Métodos de estudos em biologia da conservação e manejo da vida silvestre. **Fundação O Boticário de Proteção à Natureza**, UFPR, Curitiba, 2003.

Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/345898907/Biologia-da-Conservacao-e-Manejo-da-Vida-Silvestre-Cullen-Rudy-Rudran-e-Valladare-1-pdf>. Acesso em: 16 mar. 2026.

DESTRO, G. F. G. *et al.* Efforts to Combat Wild Animals Trafficking in Brazil. **Biodiversity Enrichment in a Diverse World**, chapter 16, 2012. <http://dx.doi.org/10.5772/48351>

DEVELEY, P. F.. Conservação de aves no Brasil: Desafios e soluções práticas para um país megadiverso. **Perspective in Ecology and Evolution**, 2020. Disponível em:

https://www.savebrasil.org.br/_files/ugd/6d1e48_adf356820b6f4b7fb9cc766cb27d9fb0.pdf. Acesso em: 3 mai. 2026

DONELEY, B. **Disorders of the Skin and Feathers.** In: Avian Medicine and Surgery in Practice: Companion and aviary birds, 2010.

DONELEY, B. **The Physical Examination.** In: Avian Medicine and Surgery in Practice: Companion and aviary birds, 2010.

DONOSO, I. *et al.* Downsizing of animal communities triggers stronger functional than structural decay in seed-dispersal networks. **Nature Communications**, 2020 11:1582| <https://doi.org/10.1038/s41467-020-15438-y>

ECHENIQUE, J. V. Z. *et al.* Diseases of wild birds in southern Rio Grande do Sul, Brazil. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, 40(2):121-128, 2020. DOI: 10.1590/1678-5150-PVB-6409

FATIMA, N. The Role of Zoos in Biodiversity Conservation. **The Journal of Zoology**, 5(04), 01, 2024. <https://doi.org/10.54393/mjz.v5i04.140>

FELIPPE, P. A. N.; ADANIA, C. H. **Conservação e Bem-estar Animal.** In: CUBAS, Zalmir S *et al.* Tratado de Animais Selvagens: Medicina Veterinária, 2 ed, v. 1 e 2, 2014.

FILHO, R. P. P. *et al.* Wildlife trafficking: bird smuggling in the Amazon and the challenges of legal protection and supervision. **Veredas do Direito**, v. 18, n. 41, p. 143-173, 2021.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/388936157_The_Role_of_Zoos_in_Biodiversity_Conservation. Acesso em: 28 mar. 2026.

GODOY, S. N.; MATUSHIMA, E. R. A Survey of Diseases in Passeriform Birds Obtained From Illegal Wildlife Trade in São Paulo City, Brazil. **Journal of Avian Medicine and Surgery**, 24(93):199-209, 2010. <http://dx.doi.org/10.1647/2009-029.1>

GUZMÁN, D. S-M. *et al.* **Aves** In: CARPENTER, James W; HARMS, Craig A. Formulário de Animais Exóticos, 6 ed, 2023.

HARCOURT-BROWN, N. H. **Aves psitaciformes: Exame clínico do papagaio doente.** In: TULLY, Thomas N. Jr. *et al.* Clínica de Aves, 2010, 2 ed.

HARRISON, G.; McDONALD, D. **Nutritional Considerations - Section II: Nutritional Disorders.** In: HARRISON, Greg; LIGHTFOOT, Teresa. Clinical Avian Medicine, 2006, vol 1.

IUCN - **Red List of Threatened Species** (Versão 2025-2). Disponível em <https://www.iucnredlist.org/>. Acesso em: 3 mai. 2026

KANAAN, V. T.; PEDROSO, J. R. Resumo das atividades do projeto piloto de reintrodução do papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) no Parque Nacional das Araucárias, SC. **Revista IBAMA CETAS e ASMS** 4 ed. 2012, pág. 59-63. Disponível em: https://institutofaunabrasil.org.br/wp-content/uploads/2024/03/CL_1_Kanaan_e_Pedroso_2012.pdf. Acesso em: 3 mai. 2026.

KLEIMAN, D. G. *et al.* **Wild mammals in captivity: principles and techniques for zoo management.** 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 2010.

LACERDA, M. S. C. *et al.* A Survey of Diseases in Different Species of Wild, Captive, and Illegally Traded Birds in Brazil. **Animals**, 14, 25, 2024. <https://doi.org/10.3390/ani14010025>

LESCANO, J. *et al.* Enfermedad ulcerativa cutánea septicémica en una colección multiespecie de tortugas semiacuáticas. **Rev Inv Vet Perú**, 2013; 24(4): 561-564. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/259231582_Enfermedad_ulcerativa_cutanea_septicemica_en_una_coleccion_multiespecie_de_tortugas_semiacuaticas_Septicemic_Cutaneous_Ulcerative_Disease_in_a_multi-species_collection_of_semi-aquatic_turtles. Acesso em: 10 abr. 2026.

MARINO, L. M. R. **Caracterização e zoneamento ambiental do zoológico municipal de Mogi Mirim-SP.** Tese de Doutorado em Ciências Biológicas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/SCAR_5d53605b6f8a593ec73caf6b0d69515f. Acesso em: 28 mar. 2026.

McGOWAN, P. J. K. *et al.* IUCN Guidelines for Determining When and How Ex Situ Management Should Be Used in Species Conservation. **Conservation Letters: A journal of the Society for Conservation Biology**, 2017. Disponível em: <https://conbio.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/conl.12285>. Acesso em: 28 mar. 2026.

MELLOR, D. J. *et al.* **Caring for Wildlife: The World Zoo and Aquarium Animal Welfare Strategy.** Gland: WAZA Executive Office, 87 pp, 2015. Disponível em: https://www.waza.org/wp-content/uploads/2019/03/WAZA-Animal-Welfare-Strategy-2015_Landscape.pdf. Acesso em: 28 mar. 2026.

OLIVEIRA, B. R. *et al.* **Casuística de atendimento de *Didelphis albiventris* (gambá-de-orelha-branca) no NURFS-CETAS/UFPEL e sua correlação com a sazonalidade.** XVI Congresso de Iniciação Científica UFPEL, 2007. Disponível em: https://www2.ufpel.edu.br/cic/2007/cd/pdf/CB/CB_01484.pdf. Acesso em: 2 abr. 2026.

PIACENTINI, V. *et al.* Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 23(2), 91–298, 2015 DOI: 10.1007/BF03544294

RENTAS - Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres, 2001. Disponível em: <https://rentas.org.br/trafico-de-animais/>. Acesso em: 23 mar. 2026.

RENTAS - Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres, 2025. Disponível em: <https://rentas.org.br/trafico-de-animais/>. Acesso em: 10 abr. 2026.

RENTAS - Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres, 2026. Disponível em: <https://rentas.org.br/>. Acesso em: 17 abr. 2026.

RICHARDSON, K. *et al.* Not so soft? Delayed release reduces long-term survival in a passerine reintroduction. **Oryx**, 49:535–41, 2013. doi: 10.1017/S0030605313001014

RODRIGUES, K. *et al.* Potencial educativo e importância do zoológico para a conservação da fauna silvestre. **Revbea**, São Paulo, v. 18 nº 265-282, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/14244>. Acesso em: 2 abr. 2026.

ROSENBERG, K. *et al.* Decline of the North American avifauna. **Science**, 2019 366(6461): 120–124. doi:10.1126/science.aaw1313

SAAD, C. E. P. *et al.* Bem-estar em animais de zoológicos. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v. 40, p. 38-43, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/63962813/Bem_Estar_em_Animais_de_Zool%C3%B3gicos. Acesso em: 2 abr. 2026.

SANTOS, M. C. *et al.* Survey of avifauna housed in the wild animal triage centers in the state of Bahia, period 2009 to 2019, emphasizing trafficking. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 52:7, e20210451, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cr/a/yH6DFr4bQLQVXpnByQTPFjh/?lang=en>. Acesso em: 10 abr. 2026

SAVE BRASIL - Sociedade Sociedade para Conservação de Aves do Brasil. **Protocolo Experimental para Soltura e Monitoramento de Aves Vítimas do Comércio Ilegal de Animais Silvestres no Estado de São Paulo**, 2017. Disponível em: https://www.savebrasil.org.br/_files/ugd/6d1e48_85698eb15b054cbb9d93fc3221fddcce.pdf?index=true. Acesso em: 3 mai. 2026

SEDDON, P. *et al.* Reversing defaunation: Restoring species in a changing world. **Science**, 2014 345, 406 DOI: 10.1126/science.1251818.

SEIBERT, L. M. Husbandry Considerations for Better Behavioral Health in Psittacine Species. **Compendium**, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/6115276_Husbandry_considerations_for_better_behavioral_health_in_psittacine_species. Acesso em: 3 mai. 2026.

WHALE, A. *et al.* Passerine birds in zoos: A global approach on distribution patterns and

conservation breeding of threatened birds in zoological institutions. **Journal of Zoo and Aquarium Research** 12(1) 2024. <http://doi.org/10.19227/jzar.v12i1.734>

WHELAN, C. *et al.* Why birds matter: from economic ornithology to ecosystem services. **Journal of Ornithology**, 2015. DOI 10.1007/s10336-015-1229-y

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTA DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O autor declara que a utilização de ferramentas de Inteligência Artificial (IA) na elaboração do presente trabalho teve caráter exclusivamente auxiliar, sendo empregada para apoio na revisão textual, aprimoramento da coesão, concordância gramatical, clareza da escrita e organização linguística do texto acadêmico. O processo de busca bibliográfica, interpretação das informações, análise dos dados e elaboração do conteúdo científico foi realizado de forma autoral, preservando integralmente a originalidade, a responsabilidade intelectual e o rigor acadêmico do trabalho desenvolvido. A versão final do trabalho foi integralmente revisada por mim e, dessa forma, me responsabilizo plenamente pelo trabalho desenvolvido e entregue.

Esta declaração está em conformidade com a Portaria nº 01, de 13 de fevereiro de 2026, instituída pela Universidade de Caxias do Sul, que dispõe sobre o uso ético, responsável e seguro da Inteligência Artificial (IA) no ensino superior.

Aluno(a): Giulia Machado de Castilhos

Caxias do Sul, 08 de junho de 2026.